

Refrigerário



ISSN 2182-617X ANO 33
Número 177 - JUL/SET 2020

10

**O testemunho
de José
Gonçalves**

Bem-aventuranças - parte 2

**Feliz
aquele**

Anúncio da Redação do Refrigério

A equipa editorial do refrigério relembra a todo as as igrejas locais a vantagem de poderem receber os exemplares da revista através de correio. o envio por correio da revista refrigério tem um custo acessível de €20,00 por ano (4 edições), independentemente da quantidade de exemplares a enviar.

O envio do refrigério por correio evita que o acesso dos leitores à revista esteja sujeita a demora prolongada (o que acontece muitas vezes com o sistema de distribuição por entrega em mão).

evitem demoras desnecessárias e solicitem o mais breve possível o envio da revista por correio. para o efeito, por favor contactem:

Duarte Casmarrinha
C. C. Primavera – Av. Calouste Gulbenkian,
lote 7 – loja 26 – 3000-090 Coimbra
telemóvel: 936957585
email: casmarrinha.duarte@sapo.pt

Índice

- 03 Bem-aventuranças Mateus 5:7
- 04 Bem-aventuranças Mateus 5:8
- 06 Bem-aventuranças Mateus 5:9
- 08 Bem-aventurança Mateus 5:10
- 10 O testemunho de José Gonçalves

Ficha técnica

Ano 33 Número 177 JUL/SET 2020 ISSN2182-617X | Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal CIIP | Internet: www.refrigerio.ciip.pt | e-mail: refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Editor: Duarte Casmarrinha | Equipa Editorial: João Poças, Joel Costa, Joel Resende, Daniela Mateus, Priscila Lopo e João Silva | Design Gráfico e Paginação: João Silva | Revisão e Edição de Textos: Equipa Editorial | Endereço Jornal Refrigério: C.C. Primavera - Av. Calouste Gulbenkian, Lote 7 - Loja 26 - 3000-092 Coimbra - Portugal | E-mail: refrigerio@ciip.pt | Versão digital: www.refrigerio.ciip.pt | Impressão SIG: Sociedade Industrial Gráfica, Lda | Depósito legal: 21.402/88 | ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha | Tiragem: 1500 exemplares | Preço de cada exemplar: 2€ | Sustentado através de ofertas voluntárias.

Finanças: Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP. NIB: 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para "Revista Refrigério"

©Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. De Comunicação: Jorge Oliveira | Cada número do Refrigério tem um custo, apoie este ministério com a sua oferta

Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:7

"Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia"

O "Sermão do Monte" é um manancial do poder de Deus, manifesto na forma de ensino, que nos leva a descobrir que a vida cristã é uma realidade viva e dinâmica de uma nova etapa identificada e adquirida em Cristo, por meio de Cristo. É a revelação de que o Reino de Cristo já está dentro de todo aquele que nasceu de novo, e que o Senhor passou a estabelecer o seu governo, declarando, com a Sua vida, que o Reino já veio, que o Reino está vindo e que o Reino ainda virá.

Constitui, desde logo, um importante contributo para o conhecimento de uma parte muito relevante do método de evangelismo, disponibilizando orientações em vários domínios, que correspondem à perspectiva da corresponsabilidade pessoal e social de que o Evangelho, além de anunciado, deverá ser vivido por cada um de nós, como um contributo ao real aprofundamento de uma nova cultura que é exigida na progressiva caminhada.

O Senhor Jesus Cristo morreu a fim de capacitar-nos a viver o "Sermão do Monte". A realidade refletida nas palavras de Jesus sugere-nos a contínua procura de uma vida na simplicidade e autenticidade do Evangelho.

Esta constatação poderá e deverá facilitar a incentivar cada um de nós à decisiva formulação e concretização de toda a Sua doutrina, contribuindo para uma melhor superação das diferentes dificuldades da vida, recebendo de Cristo o reforço e a qualificação das respostas às várias problemáticas e

dilemas da nossa existência.

Debruçando-nos, ainda que muito sumariamente, sobre as bem-aventuranças, com que o Senhor inicia o Sermão do Monte, e em concreto em Mateus 5:7, é nos permitido perceber que as mesmas expõem o padrão ideal para o cidadão do reino de Cristo. No reino do nosso Senhor, os misericordiosos são bem-aventurados, porque alcançarão misericórdia. É um convite para que cada um de nós retenha a punição dos seus ofensores de forma compassiva e, se supere na resposta a dar ao seu próximo, tornando-se imitador de Cristo.

Assim, as perguntas que colocamos a nós próprios, num exame contínuo da nossa existência são: o que é a misericórdia e se somos misericordiosos.

Em algumas epístolas, Paulo refere a graça, a misericórdia e a paz, o que é indicador de uma interessante distinção, a graça é vinculada aos Homens pelos seus pecados, mas a misericórdia é associada aos Homens pela sua miséria. Enquanto que a graça condescende diante do pecado, a misericórdia contempla especialmente as miseráveis consequências do pecado. A misericórdia aponta para o sentido de aliviar o sofrimento e para a compaixão. Ora, estar realmente arrependido significa perceber que nada mereço, senão a punição, e que se eu chegar a ser perdoado, esse perdão dever-se-á unicamente ao amor, à graça e à misericórdia de Deus.

Ao refletirmos no exemplo supremo de Jesus



Joaquim Sousa

Ancião da Igreja Evangélica
na Areosa/Porto

cravado na cruz, não obstante estar a sofrer as agonias do pecado de toda uma humanidade, disse, mesmo no Seu último instante: “...Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem...”, (Lucas 23:34). O que Jesus disse é que estes estavam dominados pelo pecado, e não conheciam a dimensão daquilo que ali estava a acontecer. Como mártir, Estevão clamou: “...Senhor, não lhes imputes este pecado!...”, (Atos 7:60). Tal como Jesus, devíamos sentir profunda tristeza, usar de misericórdia e orar por essas pessoas que são governadas por satanás.

Segundo Martin Jones, no seu comentário sobre o Sermão do Monte, o autor afirma que não se espera que controlemos o nosso cristianismo, pelo contrário, o nosso cristianismo é que nos deve controlar, do ponto de vista da bem-aventurança; é falácia completa pensar-se de qualquer outro modo, dizendo-se por exemplo: “Para eu ser um verdadeiro crente preciso de conhecer o ensino e aplicá-lo”. O que o Senhor nos ensina é que o meu cristianismo precisa de controlar-me, ou seja, que eu passe a ser governado pela verdade, visto que a operação do Espírito Santo no meu íntimo tornou-me crente, “...logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”, (Gálatas 2:20). Portanto, não devo auto-conceber-me como um homem natural, tentando controlar as suas atitudes e procurar ser

Bibliografia:

«Almeida Revista e Corrigida (ARC)». Portal SBB. Consultado em 19 de abril de 2020.
 Bruce, F. F. (2009) Comentário Bíblico. Editora Vida Nova. São Paulo.
 Carson, D. A., France, R. T., Motyer, J. A., Wenham, G. J. (2009). Comentário Bíblico Vida.
 Eldon, L. G. (2002) Teologia do Novo Testamento. Editora Exodus. São Paulo.
 Jones, Martin Loyd (1982) Estudos do Sermão do Monte. Fiel Editora. São Paulo.

o centro da minha vida, dirigindo a própria fonte do meu ser.

A fé cristã não é algo que se manifesta à superfície da vida, antes é algo que acontece no âmago, no mais íntimo do nosso ser, passa a controlar os nossos pensamentos, dominando a nossa personalidade e até mesmo os nossos atos. Essa é a razão pela qual o Evangelho põe toda a sua ênfase sobre a questão do “ser” e não sobre a questão do “ter” ou do “fazer”, e menciona no Novo Testamento a importância do “novo nascimento” e da “renovação espiritual”.

Todos os conselhos encontrados no “Sermão do Monte” reforçam o sentido da nossa missão, o de promover de forma solidária a concretização de uma cultura completamente antagónica à cultura do mundo, em que o sujeito - livre em Cristo - encontra estímulo nos resultados que Jesus obteve na cruz, na vitória sobre o maligno. Vencendo, assim, o que é temporal, o desânimo que é trazido pelo ordinário desta vida, experimentando, desta forma, o extraordinário que há em Cristo.

Sujeitos a Jesus Cristo participamos em subordinação a Ele, pondo em prática a Sua palavra: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”, (Miqueias 6:8).

Meyer. F.B. (2002). Comentário Bíblico, Antigo e Novo Testamento. Edições Belo Horizonte. Vida Nova.

Wayne Grudem, (1999). Teologia Sistemática. Edições Vida Nova. São Paulo.

Williams, ed (2000) Dicionário Bíblico. Editora Vida Nova. São Paulo Sproul, R. C. (2002) Filosofia Para Iniciantes. Edições Vida Nova. São Paulo.

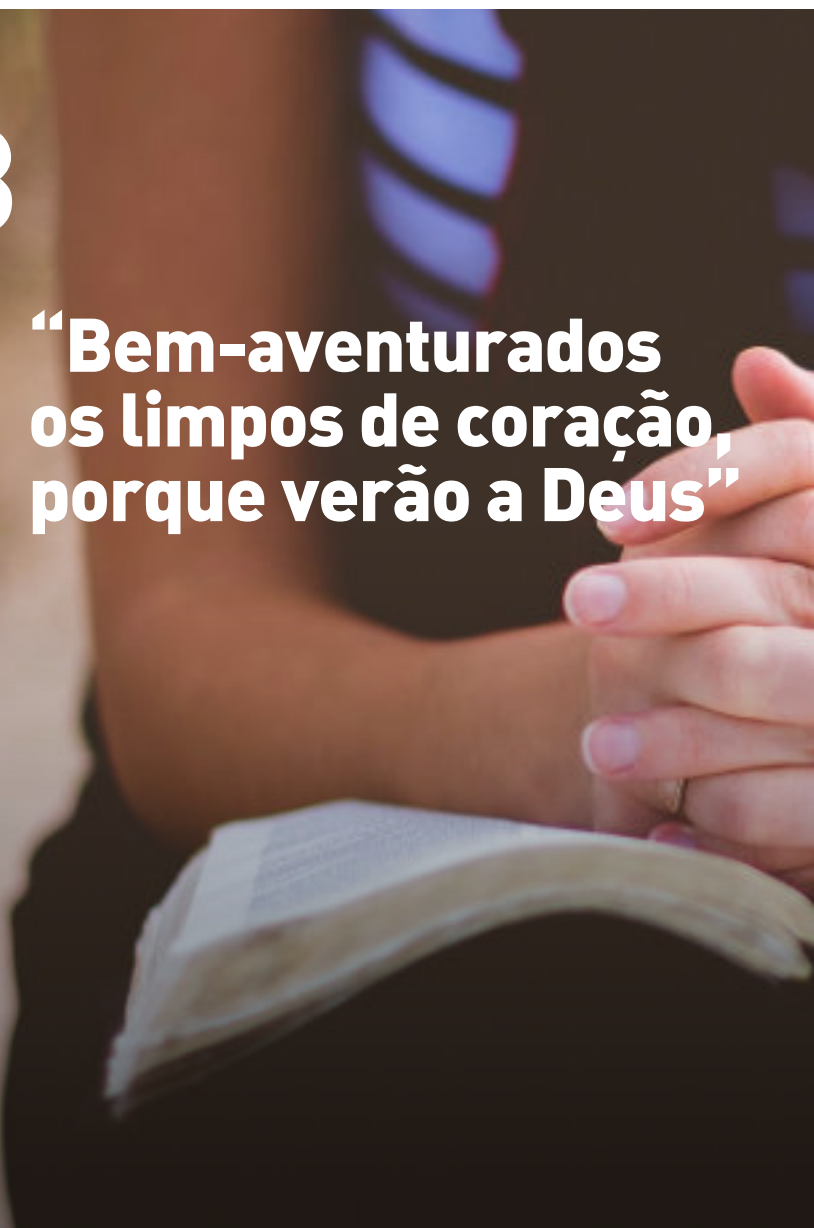
Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:8

Em 26 de abril de 1986, a central nuclear de Chernobil sofreu um fracasso catastrófico. Durante o que deveria ser um teste de segurança, o reator entrou numa reação descontrolada que causou uma explosão maciça que rompeu o núcleo do reator e enviou uma vasta quantidade de material radioativo para o ar, enchendo o céu com contaminação radioativa mortal. Uma grande parte da radiação liberada era invisível a olho nu. Mas contaminou aproximadamente 100 000 quilómetros quadrados de terra, levou a milhares de mortes, aumentou drasticamente a taxa de cancro na população local, poluiu rios, matou uma grande parte da vida selvagem e tornou uma grande parte da terra inabitável. Foi criada uma zona de exclusão de 30 quilómetros e ainda hoje, 34 anos depois, os níveis de radiação na área permanecem perigosamente altos. Está poluído, contaminado e sujo.

Se quisermos saber qual é a condição natural do coração humano, então olhar para Chernobil não seria um mau lugar para começar. Pois o coração humano está estragado, sujo, impuro, enganoso e corrompido.

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus”





Joe Clark

Coordenador do GBU-
Coimbra e membro da Igreja
Evangélica em Eiras/
Coimbra

Sei que isso pode parecer uma avaliação bastante sombria da condição do coração humano, mas é fundamental que vejamos que esse é o quadro que a Bíblia faz para nós. Pois essa é a realidade assustadora. Jesus disse a mesma coisa em Mateus 15:18-19.

Sim, o coração humano é uma fossa do pecado e da impureza. E é precisamente por esse facto que devíamos prestar muita atenção ao ensino de Jesus na sexta bem-aventurança. Pois é aí que lemos as palavras surpreendentes:

O que significa ser limpo de coração?

Em 2020, o coração é considerado um órgão que bombeia sangue pelo corpo para nos manter vivos ou como a parte de nós que controla o que sentimos. No entanto, na Bíblia, o coração é entendido como o núcleo de quem uma pessoa realmente é. É o lugar não apenas das emoções, mas do pensamento e da vontade. Assim, enquanto o coração sente, ele também pensa e age. E é este coração, este centro do ser de uma pessoa, que devia ser limpo, segundo Jesus.

Então o que é que isso quer dizer? Bem, ser puro de coração é amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com toda a força e com toda a mente. É amá-Lo com uma devoção total, onde não há discrepância entre a nossa profissão externa e a nossa natureza interior. É claro que é aí que os fariseus erraram (Mateus 15:1-20). Eles estavam tão preocupados com a sua aparência externa que perderam de vista o facto de que “o Senhor vê o coração” (1 Samuel 16:7).

Aquele que é puro de coração, portanto, não é aquele que simplesmente segue um conjunto de regras, mantendo apenas uma aparência externa de piedade. Ao contrário, evitando o engano, a hipocrisia e a imoralidade, ele estará decididamente comprometido com Deus e com a Sua Palavra, alinhando os seus próprios afetos e vontade com os de Deus. Ou seja, ele será uma pessoa segundo o coração de Deus.

Mas porque é que devíamos nos importar? Porque é que as palavras de Jesus são importantes para nós?

Porque é que devíamos nos preocupar em ser limpos de coração?

Bem, devíamos preocupar porque são apenas aqueles que são limpos de coração que verão a Deus. Veja bem, sem pureza, sem retidão, sem santidade, não podemos ter um relacionamento

com Deus. Não podemos habitar com ele. Não podemos ver o Senhor. Isso é coisa séria. Pois queremos ver Deus, certo? Ansiamos por contemplar a Sua beleza e vê-Lo frente a frente. Ansiamos pelo novo céu e nova terra, onde a habitação de Deus está com os homens. No entanto, diz Jesus, essa esperança é reservada apenas para os limpos de coração.

Como é que nos tornamos limpos de coração?

Felizmente, se estamos a confiar em Jesus e na Sua morte sacrificial na cruz, há esperança! Pois um dia, seremos aqueles que são limpos de coração. Pois, como João diz, um dia, “seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 João 3:2). Isso só é possível, claro, por causa da bondade e graça de Deus em enviar Jesus para sofrer as consequências de nosso coração sujo e contaminado, para que pudéssemos ser limpos.

Mas Jesus não está simplesmente a apontar para a esperança futura dos discípulos nesta bem-aventurança. Como João continua a dizer no próximo versículo “e a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 João 3:3)”. Veja bem, é porque temos essa certa esperança de ser perfeitamente puro no futuro, que somos chamados a lutar por isso agora.

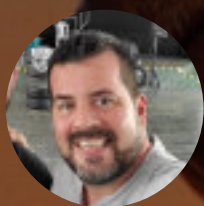
Então, deixe-me perguntar: será que se está a esforçar, no poder do Espírito, para ser alguém que é limpo de coração? Será que odeia o pecado, em todas as suas formas? Será que não está dividido na sua lealdade a Deus? O que é que deseja mais do que qualquer outra coisa? O que é que pensa quando ninguém mais está a olhar? Até que ponto são as suas ações e palavras um reflexo do que está no seu coração? Será que a sua família diria que é a mesma pessoa em público e em privado? Será que o seu saldo bancário refletiria a sua profissão externa de piedade? E o histórico do seu navegador de internet? E os seus hábitos de ver televisão? Será que a sua reação ao surto de coronavírus revelaria a sua profunda confiança e satisfação em Deus? Ou será que está a olhar para as suas finanças e saúde para lhe dar segurança?

Bem, essas são as perguntas com que essa bem-aventurança nos confronta. O processo de ser aqueles que são limpos de coração será lento e árduo. Exigirá esforço e disciplina. Cometeremos erros ao longo do caminho. Mas valerá a pena. Valerá a pena, pois bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

“Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.”

Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:9



Alexandre Campos

Obreiro na Casa de Oração
na Rua da Enfermeira -
Uberlândia/Brasil

Desejo compartilhar com os queridos leitores algumas ricas verdades que Nosso Senhor tem falado ao meu coração, desde que tenho me debruçado sobre o Capítulo 5 de Mateus e bem especificamente no verso 9.

É claro que ao escrever essas linhas me deparo com o cenário mundial de uma Pandemia de um vírus chamado COVID-19, e com certeza talvez venha influenciar esse texto, visto que, a busca de paz tem sido mais precioso do que ouro em um mundo com tantas notícias de rumores de morte. Vamos nos apegar nessa Promessa do sermão do monte para por em prática a paz do Senhor em dias de isolamento.

Diante dos grandiosos ensinamentos das bem-aventuranças, vamos extrair alguns aprendizados juntos: Deus me permitiu visitar esse local em Israel aonde supostamente foi o monte que Jesus proferiu esse precioso ensino,

a emoção é muito grande, pisar nas margens do Mar da Galileia bem próximo de Cafarnaum, cenário de vários acontecimentos bíblicos do Novo Testamento, realmente é inesquecível ter sentado naquele lindo lugar, poder abrir a Bíblia e ler os capítulos 5,6,7 de Mateus e se deliciar com os ensinamentos de Jesus revelando a justiça do Pai, ensinamentos esses que são aplicáveis até hoje em nossa missão nesse mundo.

Podemos observar pela forma que foi escrito Mateus, em um contexto local de sua comunidade dentro do judaísmo, que as bem-aventuranças antes de ser uma mensagem a cada um dos cristãos, dirige-se principalmente a esse grupo de fé aonde Mateus estava inserido. Nessa narrativa não é apresentado o caminho de Salvação, mas, é desenhado um caminho de uma vida justa para aqueles que se arrependem fazendo um grande contraste com o caminho antigo outrora praticado pelos

judeus e observado nos maus exemplos dos fariseus e escribas.

A palavra Grega traduzida como “pacificador” em Mateus 5:9, vem do adjetivo para “paz” e do verbo que comumente significava “fazer”, os pacificadores não são sempre os passivos que esperam que a paz aconteça, eles tomam iniciativa e se esforçam para que haja paz, aquele que busca fazer a paz procura a reconciliação onde há conflito; o entendimento mútuo onde há discórdia, e o perdão onde houve pecado. Ele precisa buscar isso entre pessoas em conflito, para cumprirmos a vontade de Deus, entre os pacíficos temos de promover ativamente a paz.

A palavra em Hebraico, “Shalom/paz”, significa na cultura Judaica da época de Jesus, amar o seu inimigo, também não significava ser complacente com o sofrimento, nem com o mal tratamento que alguém está impondo a você, não significava aceitar o abuso de quem quer que seja, ao contrário, amar é fazer a paz, significa conhecer o seu próximo, e ajuda-lo nos motivos que o leva a se comportar dessa forma.

Exatamente o que Jesus desejava com seu sermão, que cada ouvinte avaliasse a si mesmo, para que você também se comporte de um modo que faça parar esse ciclo de guerra, para que o seu próximo tome consciência que somos todos iguais, merecedores de respeito e consideração e deseje também essa transformação, como pacificadores, tomamos medidas positivas para nos empenhar pela paz com todos. **Esforcem-se para viver em paz com todos e para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor. Hebreus 12:14** NVI, se desejarmos a paz e a santificação, o comportamento pacífico será uma das nossas qualidades que outros prontamente perceberão. Não aticaremos competição entre uns e outros ou provocando uns aos outros, como diz em (Gál. 5:22-26). Em vez disso, procuraremos ser “pacíficos para com todos os homens”. Façam todo o possível para viver em paz com todos. **Romanos 12:18** NVI.

Roma era a cidade luz da época que Mateus escreveu esse relato de Jesus no monte, Roma desejava dominar territorialmente e individualmente cada judeu, e Jesus nos ensina que nosso reino não é o de Roma, e sim o de Deus. A Igreja de Jesus que pode iluminar os homens trazendo a verdadeira paz, Cristo que governa a nossa vida independente da circunstância que os judeus viviam ou que nós vivemos em nossos dias, nós temos a paz conosco, nós somos diferentes mesmo em meio a provação, porque sabemos em quem temos crido **2 Tim 1:12** e nossa esperança está no Emanuel o Deus Conosco.

No entanto, é possível entendermos de que forma as bem-

aventuranças e o Reino dos céus pode ser uma mensagem de Paz e esperança ao mundo em nossa sociedade atual, formada ainda por tantos aflitos e sobrecarregados. Em Jesus, pode-se ter a mensagem salvífica e libertadora de todo o Mal como uma verdadeira vacina para o vírus do pecado.

Nesses dias cabe aos seguidores de Jesus a incumbência de levar a salvação através da prática da solidariedade e de obras concretas para acabar com o medo e a fome e resgatar a esperança de pessoas que vivem isoladas, é dessa forma que o Reino de Deus será implantado, através de um gesto da igreja, o mundo verá a paz que transforma e purifica nosso coração, precisamos anunciar que não vivemos na moda do mundo e sim do modo de Deus.

Não será um mero assistencialismo, mas munidos dos recursos da fé em Jesus, podemos partir para uma ação de misericórdia mostrando amor e preocupação com o mundo começando em nossa casa, nossos amigos, vizinhos.

Deus está falando através dessa grande tempestade, da mesma forma que os Cristãos judeus sofriam com a dura mão de Roma os perseguindo, até mesmo os incendiando como tochas vivas para iluminar a cidade. Hoje nosso vizinho ou amigo virtual também estão desesperados com a possibilidade de um vírus dizimar sua vida e de sua família.

Temos a resposta para a sociedade sair da situação de mero cidadão amedrontado e desesperado, entendendo que o caos no mundo, não se deve apenas ao COVID-19, mas a existência de um vazio em nosso coração que todo o homem passa toda a sua vida tentando preencher com outras coisas, e agora que estamos, presos, isolados, em confinamento, podemos refletir e voltar nossos olhos para os céus e entender que o vazio só pode ser preenchido reconhecendo que somos pecadores, se arrependendo e convidando Jesus para ser Salvador e Senhor de nossa vida.

É preciso aproveitar a quarentena e sair de nossos guetos eclesiais e participar mais ativamente da vida de nosso próximo que está gritando pela cura de sua alma. Que as medidas de prevenção nos leve a reunir virtualmente em uma só voz através da Internet.

Desejo clamar ao Príncipe da Paz que venha trazer o refrigerio e a Cura para essa gravíssima situação, oremos pelos enfermos e pelas famílias enlutadas.

Nunca mais seremos os mesmos após esse março de 2020. Que o Senhor possa revelar o que deseja para sua vida após essa Pandemia.

Bibliografia:

- Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.
 Bíblia Sagrada - Versão Almeida Revista e Atualizada.
 Bíblia Sagrada – Versão Almeida Revista e Corrigida.
 GARCIA, Paulo Roberto. As bem-aventuranças em Mateus – Uma proposta de estrutura literária, São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior – IMS, 1995, 108p.
 GARCIA, Paulo Roberto. Sábado: A mensagem de Mateus e a contribuição judaica. São Paulo, Fonte Editorial, 2010, 200p.
 Novo Testamento interlinear grego-português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
 OVERMAN, J. Andrew. O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo – O mundo social da comunidade de Mateus. São Paulo: Loyola, 1997,171p.



“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus”

Dossier Bem-aventuranças

Mateus 5:10



Pedro Lopes

Obreiro da Igreja Evangélica na Gafanha da Nazaré e São Jacinto

Desde que o pecado entrou no mundo, o coração do homem tem buscado a aprovação de outros homens. Ao olharmos para a nossa sociedade percebemos que todos nós buscamos a aprovação uns dos outros.

Na oitava bem-aventurança, Nosso Senhor Jesus vai exatamente no sentido contrário daquilo que é a tendência natural do ser humano. Ao invés de falar de aceitação, aprovação e louvor de homens, Jesus descreve o cidadão do Reino como bem-aventurado por ser perseguido por causa da justiça. O que Jesus quis dizer com estas palavras? É o vamos procurar entender nas próximas linhas.

1. Perseguição não é uma bem-aventurança, pertencer ao Reino sim.

À semelhança das bem-aventuranças anteriores, Jesus não está a dizer que ser perseguido caracteriza por si só uma vida feliz. O Antigo Testamento não faz nenhuma declaração desse género, e mesmo os escritos judaicos sugerem que pessoas perseguidas não podem ser bem-aventuradas. A razão da felicidade daquele que é perseguido não é a perseguição que sofre de per si, mas a realidade que vai além desse sofrimento.

A conjunção coordenativa “porque” é a chave para entender a razão da felicidade daqueles que são perseguidos. No v.10 Jesus faz uma espécie de conclusão dizendo exatamente a mesma coisa que no v.3: “porque deles é o reino dos céus”. Esta é a razão da felicidade, pertencer ao Reino. Os perseguidos devem regozijar-se no facto de que a sua perseguição é uma prova do seu discipulado com Cristo. Paulo fala aos filipenses nesses termos ao dizer que a luta pela fé evangélica é uma prova evidente de salvação (Filipenses 1:27-28). Outras passagens fazem esta ligação entre a perseguição ou hostilidade e a realidade espiritual que ela demonstra (por exemplo: 1Pedro 4:13; 2Tessalonicenses 1:4-5; Tiago 1:2-4). A bem-aventurança dos perseguidos não está na perseguição em si, mas no facto de serem cidadãos do Reino dos Céus.

2. A perseguição é por causa da justiça

Este é sem dúvida um ponto importante para compreender esta bem-aventurança. O que é ser perseguido “por causa da justiça”?

A palavra “justiça” (dikaiosynē) no Evangelho de Mateus e mais propriamente no sermão do monte, assume o sentido de uma prática de vida piedosa segundo os mandamentos de Deus.

Mais do que um conceito abstrato, é a práxis da vida cristã. Se olharmos para Mateus 5:20 e 6:1 veremos que Jesus está a usar o conceito de justiça para se referir à conduta de vida. O apóstolo Pedro, ouvinte deste sermão, faz uma alusão a este texto mostrando isso mesmo – “mas ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois” (1Pedro 3:14). O versículo anterior mostra que essa justiça corresponde ao ser “zelosos do que é bom”. Da mesma forma, Paulo vincula a perseguição à vida piedosa ao dizer: “Ora, todos os que quiserem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Timóteo 3:12). Esta é a razão da perseguição, uma vida conformada com a Palavra de Deus, que vive segundo os seus princípios e valores.

3. Como a justiça produz perseguição?

Parece estranho pensar que a piedade gera ódio, mas esta é a mais pura das verdades. Não digo que seja sempre assim, Atos 2:47 mostra que é possível que os não crentes admirem, até certo ponto, a vida dos crentes. Mas a verdade é que, assim como a luz de uma vela dissipa as trevas num quarto escuro, uma vida de santidade acaba por desmascarar o pecado.

Olhemos para Jesus, uma vida de inteira pureza. A vida do Nosso Senhor era um testemunho contra o pecado dos religiosos e do povo em geral. Por isso João diz: “... a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (João 3:19). O mundo está no maligno, e ama as suas obras. O discípulo de Jesus, ao viver em justiça neste mundo pecaminoso, invariavelmente vai acabar por provocar hostilidade, não porque ele esteja errado, mas porque o mundo não suporta que se denuncie o seu próprio pecado. Esta é uma verdade que temos de guardar nas nossas mentes e corações, a vida piedosa gera hostilidade.

Quero concluir com algumas aplicações para a nossa vida:

1. Avalie a razão de sofrer perseguição. Pode parecer estranho, mas nem todas as razões para a perseguição são boas

ou validadas pela Escritura. Podemos ser perseguidos por causa do nosso próprio pecado, e esse não é um bom motivo (1Pedro 4:15).

A perseguição por motivos político-religiosos também não é válida. Existem muitos presos políticos, muitas pessoas perseguidas por boas causas, porém não são sinal de bem-aventurança.

Outra razão errada para sofrer perseguição é o desejo de martírio. Devemos estar preparados para ele, mas não procurá-lo.

O motivo válido para ser perseguido é a vida piedosa que se conforma à imagem de Cristo.

2. Por causa da justiça a perseguição será real. Não se iluda, se você deseja viver em conformidade com Cristo, você terá que tomar posições que irão levantar hostilidade, seja no emprego, na escola ou na família. A santidade que você busca vai evidenciar o pecado do outro, o que acabará em algum momento por gerar hostilidade.

3. Não sucumba à pressão. Ao viver num mundo mergulhado em pecado vamos acabar por ser pressionados para nos conformarmos com ele. Isto pode ser dito a nível individual ou como Igreja. O mundo odiou o nosso Mestre, e odeia-nos a nós (João 15:18-19). O mundo vai querer vergar-nos às novas ideologias e às suas filosofias. Se nos mantivermos firmes não podemos esperar outra coisa que não a hostilidade e ódio dos incrédulos.

4. Mantenha os olhos na eternidade. Jesus disse que a bem-aventurança da perseguição estava no facto de termos uma realidade de bênção eterna à nossa espera.

Quando sofrer desprezo, escárnio ou hostilidade por parte do mundo, pregue a si mesmo esta verdade: “Eu estou no Reino. Nenhuma perseguição ou aflição deste tempo presente poderá mudar esta condição”.



Não me envergonho do Evangelho!

O testemunho de José Gonçalves

Entrevista conduzida por Pedro Silva



José Gonçalves é ancião na igreja evangélica na Pampilhosa, distrito de Coimbra e, desde há muitos anos, tem dedicado a sua vida à pregação do evangelho e ensino das Escrituras de uma forma itinerante nas assembleias dos “irmãos” na zona centro. Nasceu no dia 24 de Janeiro de 1933, na Pampilhosa e de acordo com as suas próprias palavras “nasci, cresci, casei-me na Pampilhosa e aqui fiquei para morrer”.

Que memórias tem da sua infância e juventude?

O meu pai faleceu quando eu tinha 12 anos e em consequência disso a minha mãe entregou-se ao álcool. Passámos muita miséria e muita fome. Foi complicado. Eu era “meio-sossegado” – não era dos mais sossegados mas também não era o pior. Não dei muita preocupação aos meus pais.

Como e quando conheceu Cristo como Salvador?

Eu tinha 23 anos e estava já casado mas andava constantemente na bebedeira com o meu sogro e principalmente aos domingos. Como era ele que pagava o vinho e muitas outras coisas, não pude dizer que não quando ele me convidou para ir aos protestantes. Nessa altura, eu considerava-me ateu. Fiz a vontade ao meu sogro e fui assistir num lugar perto da estação de combóios. Passei todo o tempo a observar o que se passava. Era diferente da religião católica, não havia imagens, as pessoas eram mais comunicativas com os outros e quando acabou perguntaram-me quem eu era, onde vivia e o que fazia. Perguntaram-me também se tinha gostado e se desejava voltar. Naquela altura, eu tinha um problema de saúde grave. Aos 16 anos tive uma lesão num pulmão e o médico disse-me que se eu chegasse aos 30 anos já seria muito... Casei-me alguns anos depois e a minha esposa não fazia o que eu fazia com o álcool. Apesar de tudo, eu vivia na esperança de poder melhorar a minha situação. Voltei a assistir a várias reuniões com o meu sogro e a minha mulher. Numa dessas reuniões foi o irmão Frank Smith que pregou da Bíblia e eu gostei muito do que ouvi. Percebi que ele era um bom homem e que estava a falar de uma coisa que ele próprio vivia. Cantaram um hino em português (naquele tempo na igreja católica cantava-se em latim) e eu gostei disso. A irmã que encerrou a reunião com oração, pediu a Deus pelas pessoas que estavam ali, que se convertessem e se estivesse ali alguém com



alguma doença crónica, que Deus a curasse. Aquilo mexeu comigo! Eu era essa pessoa que estava ali. Isso fez com que eu voltasse sempre. Passados dois meses converti-me: Deus falou comigo através do Seu Espírito, convencendo-me que Ele existia e que eu era pecador. Sozinho no meu quarto, de joelhos, nesse dia, eu pedi perdão pelos meus pecados. Não houve nenhum sinal mas senti profundamente que Deus me tinha perdoado. E tudo mudou na minha vida: deixei as bebedeiras (ninguém me disse para o fazer – Deus convenceu-me), deixei de mentir, deixei de dizer palavrões e asneiras, paguei as dívidas que tinha (que surpreendeu até aqueles a quem paguei), ou seja, Deus mudou-me!

E a partir daí?

Depois comecei a ser assíduo aos cultos. Comecei a ler a Bíblia com intensidade, a estudá-la com a ajuda de outros livros. Rapidamente comecei a evangelizar os meus colegas de trabalho. Deus ajudou-me a não ter vergonha do evangelho. Sempre que tinha uma oportunidade, falava de Cristo a todos e vi cinco das pessoas que comigo trabalhavam converterem-se ao Senhor. Algumas igrejas locais foram abertas em consequência desse trabalho, como Mata do Maxial, Póvoa do Pinheiro e algumas dessas pessoas que se converteram ainda hoje servem o Senhor.

Comecei a pregar o evangelho e a visitar as igrejas indo de bicicleta com outros irmãos. Algum tempo depois, começámos a evangelizar porta-a-porta. Alguns jovens juntaram-se a nós e uma vez por mês, ao sábado, juntávamos quinze ou dezasseis pessoas. Fizémos isso durante cerca de trinta anos. Todos os concelhos à volta da Pampilhosa foram alcançados e até chegámos a ir à Beira Alta. A partir de determinada altura, fazíamos pregação ao ar livre com a ajuda de uma aparelhagem ligada à bateria de um automóvel. O irmão Alberto Manaia foi um elemento extraordinário em tudo isso e graças a Deus, várias pessoas se converteram. Havia uma alegria dentro de mim quando evangelizava as

outras pessoas.

Até bem recentemente eu passei uma vida bastante ocupada na pregação do evangelho em várias localidades e igrejas. Para isso lia muito para poder estar seguro daquilo que afirmava.

Seria diferente se se tivesse convertido hoje?

Teria sido tudo igual! Eu posso ter vergonha de algumas coisas na minha vida mas não do evangelho. Fui duas vezes despedido do meu trabalho por causa do evangelho porque me acusavam de “estar a dar a volta à cabeça das pessoas”. Numa ocasião em que o encarregado da secção onde eu trabalhava me tentou despedir, foi contrariado pelo engenheiro responsável porque este entendia que eu, como crente, tinha uma produção certa e não falsificada como os outros. Contrariado, o encarregado transferiu-me para uma secção diferente onde continuei a evangelizar e onde pessoas se converteram... e por causa disso, mudou-me outra vez. Aquele encarregado acabou por se tornar meu amigo porque percebeu que acontecia na minha vida aquilo que eu pedia a Deus em oração que acontecesse. Ele havia percebido que Deus operara no coração do engenheiro para me proteger e para aumentar-me o salário. Pediu-me uma Bíblia e converteu-se. Começou a acompanhar-me na evangelização – aquele que era o meu maior inimigo tornou-se o meu melhor amigo.

E a sua família?

A minha esposa vinha duma tradição católica e eu disse-lhe muitas vezes que Jesus viria um dia para buscar a Sua Igreja e a menos que ela se convertesse, eu iria e ela ficaria. Ela converteu-se. A minha esposa passou a acompanhar-me aos cultos. Nessa altura já tínhamos dois dos nossos quatro filhos. Todos eles se converteram ao Senhor e são hoje fiéis a assíduos.

Como obteve o conhecimento bíblico?

Muitos livros, muita leitura. Estou neste momento a estudar a carta de Tiago porque há um casal amigo que me pediu que estudássemos juntos. Estou a preparar-me.

Quando prega a Palavra, do que é que gosta mais de falar?

Do Evangelho. Gosto de pregar a salvação aos perdidos. É isso que me dá mais prazer. Como resultado, ser pai na fé de muita gente dá muito prazer. O jovem irmão Tiago Lourenço, da igreja de Sangalhos disse há algum tempo que a enorme simplicidade com que prego o evangelho, confere verdade ao que digo.

Quais os maiores desafios que enfrentou como líder de uma igreja local?

Construir a Casa de Oração da Pampilhosa. Foi muito complicado. Não tínhamos dinheiro nem terreno, mas acabámos por construir. Se não o tivéssemos feito, teríamos sido despejados do lugar onde estávamos e ficaríamos sem nada nem lugar para nos reunirmos. Hoje temos um espaço com muitas valências que poucas casas de oração têm.

O que pensa da Igreja dos dias de hoje?

Penso que a Igreja precisa crescer e de se dedicar mais à Palavra, como nossa guia. Sermos amigos uns dos outros é importante porque os demais reparam nisso. Uma vizinha nossa reparou que eu não tenho saído de casa para ir aos cultos por causa da minha saúde. Perguntou-me recentemente quando é que eu voltaria aos cultos.

Há alguma coisa que deseja fazer e que ainda não fez?

Agora aos 86 anos e sem nunca pensar que aqui chegaria, já não há muita coisa que deseje fazer. Quando me reformei do meu trabalho, dediquei-me a distribuir literatura e a falar do

evangelho às pessoas. Não era tão fácil quando eu trabalhava mas foi mais fácil depois de me reformar.

Que conselho daria às gerações mais novas?

Que não tenham vergonha do evangelho! Às vezes temos oportunidades mas a vergonha cala-nos. Deus dá-nos sempre a palavra certa e as pessoas ficam sempre com alguma coisa depois disso.

Como era pregar o evangelho antes do 25 de Abril?

Antes do 25 de Abril de 1974 havia perseguição e o Salazar “apertava” conosco. Numa ocasião, na Bairrada, a Pide infiltrou-se num grupo de cerca de 30 pessoas num culto e foi difícil. Na transição, depois do 25 de Abril, também houve perseguição com pedras mas acabava por ser mais fácil pregar o evangelho e as pessoas convertiam-se. Hoje as pessoas procuram alguma coisa que preencha o vazio das suas vidas com o que o mundo facilmente lhes oferece. Agora é mais difícil passar a mensagem. Hoje tudo é válido espiritualmente e tudo está bem aos olhos das pessoas. Apesar disso, temos que insistir na pregação do evangelho porque a alegria que traz é imensa. Há pouco tempo atrás, em Vila Verde, num funeral, encontrei uma senhora que me disse que trabalhara comigo na fábrica há muitos anos atrás. Ela era uma das pessoas a quem falei do evangelho mas nunca vira nela interesse pelo evangelho. Ela confessou-me que se converteu nessa altura (sem eu saber) e que até ao dia de hoje continua fiel ao Senhor. É uma alegria imensa!

